

Análise de Conteúdo – Entrevista nº 2¹

Dimensões	Sub-dimensões	D. Maria das Neves ²
<p>A) Perfil Individual</p>	<p>▪ Características sócio-biográficas</p>	<p>→ 80 anos → Viúva → Não frequentou a escola → Católica não praticante → Residente em Campo Redondo / Concelho de Odemira (Baixo Alentejo) → Criada no seio de uma família numerosa (sete meios irmãos de parte de pai + três meios irmão de parte de mãe) → Começou a trabalhar no campo desde pequena → Juntou-se com 18 anos → Seis filhos homens → Todos os filhos andaram na escola: “... o mais novo, hoje com 41 anos, fez o 10º ano, os outros todos ficaram com a 4ª classe.” → Actualmente mora com o filho mais novo, que está divorciado</p>

¹ Entrevista realizada a 2 de Junho de 2008, no lugar de Campo Redondo, freguesia de Colos, concelho de Odemira, distrito de Beja.

² Nome fictício para preservar a identidade da inquirida e não ferir susceptibilidades.

<p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p>	<p>▪ Como aprendeu</p>	<p>→ Com uma mulherzinha amiga: “A senhora que ma ensinou, que já morreu, não me disse a quem é que era para oferecer, mas eu ofereço.”; “Aprendi isto com uma mulherzinha amiga com quem andávamos a trabalhar, no campo, juntávamo-nos, também tinha uma cunhada que era muito religiosa, que sabia também muitas coisas e então aprendíamos umas coisas umas com as outras.”;</p> <p>→ Com o marido: “Tínhamos aqui um livrinho com orações, o meu marido às vezes sabia que eu queria aprender, lia-me as orações ou outra coisa qualquer, eu aprendi-as e ele não...”; “Esta benzedura eu aprendi do livro, o meu marido leu e eu aprendi.”</p> <p>→ Com a cunhada: “Aqui outro ano, eu tinha uma cunhada ali na Ribeira, coitadinha, já morreu... e sabia assim muitas benzeduras, muitas coisas, muitas orações muito bonitas... Atão, quando eu estive com a minha cunhada, estivemos falando nisso, estivemos dizendo as benzeduras e eram iguais... as palavras eram as mesmas, mas a forma de fazer era diferente. Eu ainda aprendi muita coisa com ela, ela sabia muito disto.”</p> <p>→ Com a prima M^a Henriqueta: “Houve uma mulherzinha que me benzeu a mim, que eu também apanhei um grande golpe de sol... Olhe, eu aprendi esta benzedura com ela, nunca mais me esqueceu!”</p> <p>→ Com a Sr.^a Luísa dos Alvarotes: “Agora, eu também sei tratar do mal do estômago, é a benzedura do bucho encostado... Com quem aprendi, era uma mulherzinha que morava aqui, ainda me tinha cá um parentesco, e ela benzia muito, eu ouvia ela benzer e aprendi, mas <u>enquanto ela foi viva eu não benzi ninguém</u>, senão os meus. Aquilo era do que ela vivia, tinha só a reformazinha e naquele tempo era ainda mais miséria do que é hoje e davam-lhe alguma coisinha para ela benzer. (...) porque <u>eu não queria que</u></p>
---	-------------------------------	---

<p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p>	<p>▪ Como aprendeu</p>	<p><u>dissessem que eu me ia atravessar.</u>” (respeito pelos conhecimentos dos outros)</p> <p>“Eu até sei a benzedura do olhado de duas maneiras, sei esta que aprendi com a senhora Luísa dos Alvarotes e a que aprendi com a minha mãe, que era a benzedura da minha mãe, que era com que eu mais gostava de benzer os meus filhos.”</p> <p>→ Com a mãe:</p> <p>“... a gente quando tem o bucho encostado tem assim uma perna mais comprida que a outra; já a espinhela vê-se no braço, eu também sei tratar da espinhela, a minha mãe sabia e eu aprendi, primeiro vê-se se tem ou não, só depois é que se benze.”;</p> <p>“Também sei benzer ao do olhado, ao mal do olhado... põe-se água num prato, com dois palitinhos em cruz ali na água, no meio do prato, benze-se em cruz e diz-se... A água da benzedura tem que ser despejada para onde não apanhe sol e nem lua, eu despejo para dentro do meu lava-loiça ou da minha sanita. Naquele tempo, o nosso chão era terra e a minha mãe ia jogar a aguinha de benzer ao olhado para debaixo da cama.”;</p> <p>“Eu até sei a benzedura do olhado de duas maneiras, sei esta que aprendi com a senhora Luísa dos Alvarotes e a que aprendi com a minha mãe, que era a benzedura da minha mãe, que era com que eu mais gostava de benzer os meus filhos. (...) A outra não fala em orações, esta da minha mãe reza-se o Pai-Nosso e a Ave-Maria. A minha mãe benzia ou p’ra trás do lume ou p’ra debaixo da cama, para não apanhar nem sol nem lua... não sei porque é que faziam isso, <u>ensinaram a ela, era da minha avó, a minha avó sabia.</u>”</p> <p>→ Com a comadre Isidora:</p> <p>“...estava até ali uma mulherzinha que sabia muitas benzeduras, que já morreu, e que ainda me benzeu do ventre caído... somos untadas nos braços e pernas com o que dizia a benzedura, com hortelã preta criada na terra fria e com o azeite da oliva, unta-se e benze-se a perna direita com o braço esquerdo e a perna esquerda com o braço direito... mas eu já não me lembra... Até que uma vez andávamos trabalhando e eu disse assim, a comadre Isidora não quer ensinar, mas benzeu-me</p>
---	-------------------------------	---

<p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p>	<p>▪ Experiências / Práticas</p>	<p>uma mulherzinha além do Monte da Estrada, que era além da minha terra, onde eu fui nascida e criada, veio de carro de praça de São Luís a ir buscá-la lá e a vir com ela ali à da minha cunhada para ela a benzer, mas ela não estava aí, porque o filho a tinha vindo buscar... tinha-lhe dado uma trombose, de cabeça estava boa, agora tinha um braço esquecido. E a pois foi lá aos cafés perguntar e a rapariga lá a mandou para aqui. A mulherzinha veio e trazia atão uma farinha em cima de uma toalhinha e eu disse-lhe, olhe essa benzedura não sei, mas lá por estar aí a farinha, eu benzo-a à mesma... Eu benzia-a numa sexta-feira, ao outro dia já vinha melhor...”;</p> <p>“Houve uma mulherzinha que me benzeu a mim, que eu também apanhei um grande golpe de sol e era com um panal enxovalhado a nove dobras dobrado... era a prima Mariana Henriqueta, e mandou a minha mãe pisar os mantrastos³ e os alhos dentro de almofariz e para me pôr na sola dos pés e aqui nos pulsos. Pois, em dia que me pôs aquilo, saiu-me a pele direitinha nos pulsos e nos pés. Aquilo diz que era para me tirar a febre e ah! era esfregar as costas com mel ou com as vidias parreiras com o mel. Também me fez bem, pus-me logo melhor.”;</p> <p>“<u>A despois de esta mulherzinha morrer</u>, estava além uma rapariga com um filho (a tia dela mora ali) e disse-me “Aí, não sabemos o que havemos fazer ao meu Márcio, atão o mocinho é só vomitar, só vomitar.”, “Atão não foram já ao endireita?”, “Fomos.”, “Atão não foram já ao médico?”, “ Já fomos.”, “Atão isso não será o bucho encostado?”, “Pois, canhando é, mas quem sabia era a minha madrinha, mas ela já cá não está.”, e digo “<u>Mas ela não levou a benzedura</u>, se quiserem eu benzo o mocinho.” Olhe benzi-o e aquilo foi velo curar. E a depois seja homenzinho, aconteceu-lhe outra vez.”;</p> <p>“... sei benzer da zipela... Veio aí uma senhora ali de Mil Fontes já duas vezes, que tem ali um café, se tem vindo aqui benzer, dá-lhe aquilo nas pernas e tem-se visto à rasca...”.</p>
---	---	--

³ É uma erva parecida com a hortelã brava que há nas varjas e à volta dos barrancos das ribeiras.

